REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 739

10 DE JULHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

RAINHA SANTA ISABEL

Copia de um quadro pertencente á galeria d'Ajuda

CHRONICA OCCIDENTAL

Acaba de soffrer irreparavel perda o jornalismo portuguez. Morreu Gaspar Ferreira Baltar, fundador e proprietario do *Primeiro de Janeiro*, um dos melhores jornaes de Portugal.

Foi um trabalhador incançavel, uma intelligencia lucidissima. Tendo tido o maximo cuidado na escolha dos collaboradores, muito breve, o jornal que com tanto empenho fundára e que tantos cuidados lhe mereceu, conquistou o favor publico bem demonstrado pela tiragem sempre crescente.

Ferreira Baltar só contava amigos e em todas as classes os contava. Dispondo de tamanho poder, como o era sem duvida o jornal conceituadissimo, a sua honradez aplainou-lhe o caminho, trouxe lhe a estima até dos proprios contrarios.

Luctou e venceu. Tinha braços para a lucta, não lhe foi difficil a victoria. Mas para isso teve que dedicar-se d'alma e coração á obra que fundára com enthusiasmo e que bella arma depois se lhe havia de transformar nas mãos leaes, pouco a pouco afeitas áquelle novo genero de esgrima.

A vida corre para todos difficil e não ha socego d'um instante. N'uma hora de somno póde a diligencia desandar ladeira abaixo. A acção deve ser de cada hora e ainda assim é preciso, muita vez, o bafejo d'alguma fada boa.

E depois luctar, luctar sempre, que muita vez a victoria não annuncia o momento em que ha de empunhar a trombeta de prata, que as velhas allegorias lhe põem inchando-lhe as faces.

Sem descanço trabalhou muitos annos Rafael Bordallo, e nem sempre — o caso é bem sabido — o exito o compensou do muito dispendio que fez de todas as suas forças moraes e phisicas, em tanta obra d'arte.

Noticias chegadas do Rio de Janeiro referem-se á recepção muito amavel que lhe fizeram na capital dos opulentos estados.

Assim devia de ser, assim lh'o prediziam todos. O nome de Rafael Bordallo não é só glorioso em Portugal. Caricaturista eximio, com rarissimos rivaes no mundo, por esse talento maravilhoso bem conhecido no Brazil, hoje, como a artista de outro genero, dar-lhe-hão seus productos ceramicos maior renome e, Deus o queira, maiores proventos.

Quando o talento se allia á capacidade de trabalho, não falta ao homem a consideração de todos, nem deixa esta de manifestar-se. Ha sempre uma hora boa compensadora de tantos dias de trabalho, ás vezes cruelmente inutil deante de indifferenças e más vontades.

O partido regenerador teve agora occasião de patentear ao sr. Hintze Ribeiro, o muito respeito que lhe merecem os dotes de fino politico e parlamentar distinctissimo, de que deu provas durante a passada legislatura na camara dos pares, onde entrou com notavel assiduidade, mas com prejuizo da saude, em todas as principaes discussões que ali se suscitaram. No dia da sua partida para o estrangeiro, os seus collegas e amigos provaram-lhe, á despedida, na estação dos caminhos de ferro, o muito apreço em que teem as finissimas qualidades do notavel estadista.

Outro trabalhador, que tem sabido merecer a estima de todos seus collegas, foi, ha dias, recompensado pelos seus muitos e relevantes serviços á classe a que pertence.

Tendo, ha pouco, regressado á patria, depois de uma viagem ás nossas possessões africanas, o sr. Simões d'Almeida recebeu da Associação Commercial, de que é Presidente, convite para um banquete que se realisou no Hotel Internacional e a que assistiram mais de sessenta convivas.

O sr. Simões de Almeida, depois de agradecer os brindes que lhe foram feitos, referiu-se largamente ás nossas coisas do ultramar, e lamentou que a nossa falta de energia tenha sido causa do não-desenvolvimento do commercio nas nossas possessões, cheias de riquezas importantissimas.

O triste facto é de todos conhecido ; mas não é demais o repetil-o, visto a auctoridade de quem o fez.

Entretanto, embora as nossas colonias ainda não nos compensem de tantos sacrificios, vão-se estes accumulando, e as vidas de muitos ficando por lá, em luctas no interior, destruidos pelas febres de climas pouco hospitaleiros.

Começa a ser tempo de que isso sirva para alguma coisa, mais que para lagrimas de muitos e para gloria incontestavel d'alguns heroes que lá criaram nome.

Ha dias, partiu o *Zaire* para Moçambique, levando uma nova expedição: uma bateria de artilheria de montanha, dois pelotões de cavallaria 7 e duas companhias de guerra de caçadores 6, ao todo um effectivo de 676 homens.

A partida foi como sempre que se trata dos nossos soldados, talvez os melhores do mundo, pacientes, soffredores, alegres, bem-humorados sempre. Muita lagrima em terra, de mães, de irmãos, de amigos, muita alegria a bordo, muito bom dito, sua chalaça grossa á mistura.

El-rei foi ao arsenal apertar a mão dos officiaes, e o *Zaire* commandado pelo sr. Benevenuto dos

Santos, poz-se em marcha, caminho da barra ao som do hymno nacional.

Deus leve a bem os expedicionarios e que, breve e cheios da gloria d'um dever cumprido, venham enxugar com beijos as lagrimas que fizeram derramar.

A Rainha, sr.ª D. Amelia, não poude receber no paço os officiaes que a procuraram por ter passado estes ultimos dias, incommodada de saude. Coisa passageira foi, felizmente, e d'ella está completamente restabelecida. Alguns habitantes de Cintra, constituidos em commissão, tencionam brevemente mandar celebrar um *Te-Deum* pelas melhoras da Rainha.

E essa expedição que partiu foi o unico caso de sensação d'estes ultimos dias.

O verão é uma estação geralmente pacata e Lisboa despovoa-se de tudo o que, n'outro tempo, lhe dá vida e animação.

Um ou outro caso mais interessante é lido nos jornaes entre bocejos; que o calor aperta logo desde de manhã e os passageiros do americano cabeceiam com somno sobre as paginas abertas, onde as linhas se embaralham. Até os proprios assassinos do Fandango vão despertando menos interesse.

Houve alguem comtudo que não poude deixar de sentir certas vibrações de nervos com uma noticia boa, cedo transformada em caso de negra sorte, lembrando o infeliz azar do Silva Pereira, a quem uma vez sahiu a sorte grande de Hespanha n'uma loteria que depois foi annulada.

No concurso de tiro realisado no domingo, 2 de julho, foram concedidos alguns premios, que a final couberam depois a outros atiradores, apurada a classificação.

Foram definitivamente premiados os srs. Gonçalo Heitor Ferreira, José Marques Viegas, Ignacio Franco, Manuel José de Magalhães, Francisco Gonçalves Ritta, Manuel Soares Corrêa, Gil Porto-Carrero e Antonio Dias Falaqueiro, que receberam por sua ordem os premios de El-rei, do ministerio da guerra, do ministerio da marinha, da camara municipal, da União dos Atiradores Civis Portuguezes, do grupo Suisso, do ministerio do reino e do grupo Patria.

Mas se Lisboa dá pouco que fallar de si, em compensação vão levantando cabeça as terras de provincia, que são como o cágado que venceu na carreira a lebre, porque esta, certa de si, deitou-se a dormir.

Festas de estrondo foram as de Setubal promovidas pelos devotos do antigo cirio de Nossa Senhora da Arrabida: festas de egreja, procissões, passeios maritimos, digressão á pittoresca serra da Arrabida, bailes populares, vistosos arraiaes em Setubal, illuminações á minhota e a gaz, kermesse, fogos de artificio, ascenções de balões luminosos, soirée no club, corridas de velocipedes, comboios extraordinarios, toirada e mais attractivos.

Tudo isso annunciava o programma e tudo se cumpriu.

Cascaes e as novas roletas do Estoril já funccionando ou que brevemente hão de funccionar, a lei sobre o jogo que muitos pretendem que passe quanto antes, assumptos de grande monta como se vê, tambem teem occupado ultimamente a attenção. Portugal digno rival de Monaco, ainda não ha quatro seculos rival da antiga Grecia e cantado por Camões! Não se pode dizer que temos caminhado muito. Menos que o caranguejo, que esse, ao menos, anda de lado, máu grado a fama.

João da Camara.

RAINHA IZABEL

> «..., ca ella tenho por bem, que seja a principal, e mayoral Testamenteira, porque som certo que fará por mi, e pola minha alma toda aquelo, que ella puder, e que deve fazer:...»

N'estas poucas palavras soube El-rei D. Diniz em testamento de 1322, prestar homenagem de justiça áquella que na terra se ligára ao seu destino.

Izabel, esposa casta, mulher modelo, rainha sem macûla, deveria sentir uma certa alegria intima de haver assim vivido no conceito do homem um tanto leviano, cuja figura historica Luiz de Camões desenhou genialmente nos dois versos seguintes do canto 3.º do seu poêma:

Com este o reino prospero florece
....
E quasi o reino todo reformou

Pedro III e a sua consorte D. Constança, monarchas de Aragão, fôram os progenitores da princeza Izabel, a qual viu a luz da existencia em Saragoça, correndo o anno de 1271.

A politica da epoca, tendo pesado as condições do paiz e attendido ás necessidades da conveniencia e do equilibrio, assentou que o successor de D. Affonso III houvesse de realisar casamento com senhora hespanhola.

E feito exame em relação ás diversas côrtes que então comprehendia a nossa visinha e irmã peninsular, recahiu a escolha na filha mais velha dos reis de Aragão.

Disse Brandão: «Todos conformavam em que convinha effeituar-se o casamento com a infanta D. Izabel de Aragão, e acertavam bem na escolha. Corria a fama d'esta princeza por toda a Europa, não tanto das perfeições naturaes, em que excedeu a muitas d'aquelle tempo, como pelas excellencias de animo com que resplandeciam por suas acções os thesouros da graça que o Senhor tinha depositados em sua alma.»

Partiram embaixadores portuguezes a solicitar para D. Diniz a mão desejada, e desempenharam com exito feliz o seu recado.

Os paes não negaram o consentimento. «Posto que a elle (el-rei D. Pedro), como se escreveu n'um livro, grave fosse de partir de si sá filha, de Deos vinha esto áquella moça que já em aquello tempo daquella edade entendia em rezar horas, e em servir a Deos por jejum, e por esmolas, e em se doêr daquelles que via vir a casa del-rei seu padre com pressa de a demandar em casamento.»

Estando D. Diniz em Estremoz, passou ahi procuração aos seus delegados, habilitando-os a receber como se elle mesmo fosse presente a eleita do seu coração.

Semelhante cerimonia teve logar em Barcelona, achando-se em Portugal a rainha Izabel já no anno de 1282.

É aqui a occasião opportuna de fazer minhas estas palavras de Francisco Duarte Almeida e Araujo: «Serão certamente as paginas mais formosas que podemos apresentar na *Historia de Portugal*, aquellas que derem conhecimento aos nossos concidadãos e aos nossos vindouros, das virtudes e milagres da rainha, esposa d'el-rei D. Diniz.»

É certissima a verdade historica da affirmação que venho de citar; os factos perfeitamente documentados, relativos á vida e obras de Izabel, brilham com explendor não equivoco e justificam com authenticidade plena periodos como este do sr. Silva Pinto em artigo da *Revista Moderna:* «Occupou-se Izabel na edificação de obras que deram lustre a seu nome: taes, o mosteiro de Almoster, que fez concluir, o hospital dos Innocentes, em Santarem, o hospital de Coimbra, e o mosteiro de Santa Clara, da mesma cidade, onde se acha sepultada.»

Titulos assim, inscrevem em lettras aureas no livro das realidades, a designação baptismal de quem os possue e informam eloquentemente o glorioso moimento perduravel que ha de redizer de seculo em seculo o elogio do merito e da virtude.

Izabel, costumava asseverar que não era contente de discorrer ociosa, e sempre trabalhava.

Sabia dividir o tempo de modo a cuidar da sua propria casa e a satisfazer os impulsos da sua consciencia, orando a Deus.

E ainda encontrava horas sufficientes em que empregar na companhia das suas damas as prendas da sua habilidade e a delicadeza dos seus dedos, em bordados e lavores de objectos e ornamentos de culto, destinados a egrejas e a outras instituições, de onde a miseria não estava muito afastada.

Comprehender por tal maneira o papel da mulher e o ministerio da realeza, é deveras attingir perante o mundo um typo ideal de nobreza imperecivel e significar na corrente das tradições que é possivel sobre a terra uma orientação pessoal e irreprehensivel no interesse legitimo, unida estreitamente á dedicação maxima na boa causa dos povos.

Foi precoce no desenvolvimento a virtude de Izabel, que em tão verdes annos como eram os que contava ao partilhar com D. Diniz o thalamo nupcial, continha integralmente em si o caracter firme e inteiriço que a não desamparou na vida e que lhe conquistou na morte uma aureola de santidade.

Uma das provas eloquentissimas do seu juizo atilado, o testemunho indelevel do seu ardor intenso na abnegação e na caridade, consistiu na forma pouco vulgar em pessoas do seu sexo como soube soffrer as infidelidades conjugaes do marido, a quem tributava affecto carinhoso e entranhavel.

E' digna de lêr-se agora a pagina seguinte, do mesmo livro a que alludi atraz: «Vivendo El-rei D. Diniz e a rainha aguardando aquello que se deve guardar entre casados, el-rei D. Diniz foi induzido por alguns que o queriam envolver em peccado de luxuria para o luxuriarem para haver outras mulheres, e para o afastarem da casa da rainha e encomençou a ter barregans, e mulheres mancebas, e haver filhos dellas. E a rainha pero que fosse em aquello tempo mulher manceba, e esto que el-rei fazia soubesse, dava a entender ao mundo que por aquello não dava cousa; e quando a ella diziam: «ora tomou el-rei tal por barregã» então ella para dar a entender que dava pouco, e não curava de tal cousa, começava a resar, e a ler por seus livros, ou a departir em algumas cousas, que fossem a louvor e serviço de Deus com sás donas e donzellas. E por esta mezura que el-rei D. Diniz em ella via, e entendia, e como seu nojo, e pezar calava, e não se queixava, el-rei tornava do erro, e do mal que a ella fazia, e temia-se de Deus, porque não guardava seu matrimonio, e sa lei como era estabelecida por a santa igreja. Por estas cousas se começou de afastar el-rei de seu peccado fazer; e se o algumas vezes fazia, encobria o mais que podia para nom se saber. E houve el-rei filhos e filhas, os quaes soffria a rainha, e mandava que se viessem ante ella, dava a elles de vestir, e de comer, e criava-os: e assim fazia aos aios; fazia a todos muito bem, e muita ajuda. E maravilham-se os da terra por ser de tão pouco tempo menina, e manceba, e ser de tanto entendimento, e de tanta mezura, e nom filhar em si pezar, nem nojo nenhum de tal cousa, de que soem as mulheres receberem grão nojo.»

Desenha-se nitidamente n'esta pagina de expressão singella, o vulto grandioso da mulher forte da Biblia, e começa a explicar-se em face da razão a ordem de motivos e o alicerce inabalavel em que se fundamenta o criterio pontificio que abriu as portas dos templos catholicos aos cultos em honra de Izabel.

Percebe-se optimamente que um ser feminino, dotado de tantas qualidades raras, tenha impressionado todos os seus contemporaneos, incutindo-lhes respeito absoluto e admiração profunda.

Havia na esposa de D. Diniz a intuição perfeita de todos os direitos e de todos os deveres domesticos sociaes, em concomitancia harmonica com um espirito tolerante e uma intelligencia equilibrada.

Foi providencial a presença d'esta mulher celebre para a nação portugueza, pois que sem a sua influencia extraordinaria e magnetica, ondearia de sangue o reinado que immortalisou no registo dos acontecimentos aquelle que iniciou a patria no caminho da instrucção e da sciencia, despertando-lhe por egual o amor da agricultura.

Cita-o sr. Silva Pinto uma passagem d'uma obra publicada recentemente pelo Ex.mo Doutor Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, que, resume luminosamente quanto eu intentasse narrar para fazer sobresahir Izabel na sua missão voluntaria de conciliadora; eil-a: «Moveram-se grandes desavenças entre seu filho D. Affonso e seu marido, el-rei D. Diniz, entre el rei de Castella e os filhos do infante D. Fernando de Lacerda: mas a pomba d'estes diluvios era a nossa Rainha, dotada com grande dom de fazer pazes aonde quer que chegasse, como se viu quando se entrepoz, sem nenhum genero de acompanhamento, entre dois exercitos postos em batalha, um de seu marido, el-rei D. Diniz, outro do principe seu filho D. Affonso, e de tal modo se houve que ficaram ambos, pae e filho, muito amigos.»

A scêna a que allude o referido lente de theologia da Universidade, passou-se proximo do Lumiar no anno seguinte áquelle em que depois d'uma suspensão d'hostilidades e d'um combate junto de Coimbra, Izabel conseguira uma paz, que foi ephemera.

D. Diniz enfermou em breve da doença que o havia de levar á campa, e Izabel, companheira sempre solicita e terna, amenisou com candidez angelical á beira do leito do esposo as tribulações do mal physico e as agonias do passamento.

O seu coração, aprimorado nos quilates da maternidade exemplar, determinara-lhe a resolução de chamar para ali o filho, querendo evitar que o pae sahisse do mundo sem abençoar no instante suprêmo o herdeiro legitimo do seu nome e do sceptro.

Pouco antes da hora da morte D. Diniz implorou perdão de Izabel, e recommendou a Affonso que tudo fizesse por sua mãe, abrindo-lhe thesouros de amor.

O dia 7 de janeiro de 1325, marcou em Izabel os crepes da viuvez.

Convém mencionar n'este logar, na propria lin-

guagem classica e colorida do bispo do Porto D. Fernando Corrêa de Lacerda, um caso estranho que inspirou a Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento os versos que começam assim:

«Fermoso pagem servia
«Raynha Santa Izabel,
«Ella mui bem lhe queria
«Por lhe ser muito fiel;
«Quando a raynha appar'cia
«Estava junto ao seu docél;
«Entre os mais o distinguia,
«Era o mais bello donzél;
«E ninguem o excedia
«Em adéstrar um corcél.
«Outro pagem que isto via,
«Tragava da inveja o fél,
«E dentro d'alma nutria
«Projecto horrendo, cruél,
«Como talvêz não teria
«Mouro descrido, infiel.

Mas passemos á narrativa do defuncto prelado portuense:

«Como o coração de El-Rey andava neste tempo cégo do amor illicito, sendo que a Santa Rainha era hũa mulher forte, teve della desconfiança, porque nem a Magestade está segura de calumnia no Paço, aonde he ouvida a inveja; servia nelle hum Page de que a Santa Rainha, por razão de sua vida virtuosa, fazia confiança particular, servindo-se do seu modesto silencio, para as obras de sua occulta caridade, e sentindo outro que ella fizesse o favor á virtude, que pertendia a emulação, insinuou a El-Rey, que aquelle agrado nascia da infidelidade, e não do merecimento, e sendo que a santa honestidade da Rainha Santa era irrefragavel prova de sua inviolavel fé, devendo El-Rey castigar a ousadia, creo a impostura, porque a má disposição de seu animo, facilitou a credulidade do agravo, e determinou tirar ao innocente a vida, a quem a malicia tinha impestado a injuria; para que a vingança se tomasse com cautela, chamando em segredo hum homem que tinha a seu cargo hum forno de cal, a que naquelle tempo lançára o fogo, lhe disse, que quando, na hora certa de hum dia determinado, mandasse hum Page da Raynha a saber se fizera o que lhe ordenara, o lançasse dentro no ardente forno, que assim convinha a seu Real serviço; chegado o prescripto dia, á hora sinalada, mandou El-Rey o innocente Pagem com o recado fingido, ao logar do incendio, em que determinava, que se queimasse a innocencia, e Deos dispunha que ardesse a culpa, obedeceo elle cõ diligencia prompta, e como tinha por inalteravel devoção entrar nas Igrejas, quando ouvia fazer os sinaes ao levantar da Hostia consagrada, ouvindo-os no Convento de S. Francisco da Ponte, que estava no caminho, entrou nelle, e ouvio hũa, e outra Missa, e assistindo no exercicio de sua devoção, pôz Deos embargos á sentença de sua morte; dispondo o Senhor que se cõsumisse no fogo quem lhe procurava o incendio...

Estando El Rey cuidadoso do successo, e desejando saber, se o fogo tinha desvanecido em fumo o seu presumido agravo, chamou o outro Pagem, que atrevidamente tinha infamado, na Magestade mais decorosa, a mais innocente castidade, e lhe disse que fosse saber, se se tinha dado á execução a sua ordem, chegou elle ao lugar que se destinara para o suplicio do outro, que estava na Igreja ouvindo Missa, e entendendo o executor da morte, que áquelle mandava El Rey tirar a vida, lançando-o precipitadamente entre as flamas, se reduzio justissimamente em cinzas, porque a divina justiça faz que pereça o culpado no laço que se arma para o innocente: no patibulo que Amão levantou para Mardocheo, não morreo Mardocheo, e padeceo Amão.

Acabadas as Missas, se foy o devoto innocente para o forno, onde o delinquente estava consumido, e dando recado a El Rey, lhe trouxe por resposta; que a sua ordem se dera á execução; vendo elle vivo a quem desejava morto, e tendo por morto o que desejava vivo, ficou entre os sentimentos, e as admirações ignorando as causas, porque se trocarão os effeytos, e tomando informação do successo, conheceo que a divina providencia, livrando o innocente, castigara o culpado, e que os vingadores, e então misteriosos incedios, forão flamas que abrazarão os delitos da calumnia, e luzes em que resplandecerão os elogios da innocencia.»

Izabel exhalou o ultimo suspiro em Extremoz, aos 4 dias do mez de julho de 1336, para onde se dirigira de Coimbra em romagem de pacificação entre o rei seu filho e o soberano de Castella.

Logo ao principio do governo de D. Affonso IV, tornando-se eminente lucta fratricida com o bastardo Affonso Sanches «La reine Isabelle, conforme a versão de Schaefer feita por Bodin, qui voulait continuer sous ce règne son rôle de conciliatrice de toutes les discordes qui s'élevaient au sein de la famille royale, parvint par sa médiation à rapprocher les deux frères.»

Dois testamentos de Izabel, que tenho presentes nas *Provas* de D. Antonio Caetano de Sousa, mostram bem que a filha de Pedro III e de D. Constança, de Aragão «estava, servindo-me dos termos de Alfred des Essarts em referencia a Izabel, da Hungria, destinada a não deixar nunca os pobres, sua grande familia adoptiva.»

No primeiro d'elles que tem a data de 1314, ha disposições d'esta natureza: «Item mando pera pobres vestir mil liberas... Item mando ao mosteiro de Sancta crux de Coimbra quinhentas liberas para a enfermaria... Item mando ao hospital dos meninos de Lixboa sem libras. Item a todolos hospitaes, e Albergarias do Senhorio do Reyno de Portugal, quinhentas liberas para roupas, e mando aos meus testamenteiros que as partão por elles como virem que he bem... Ite mando ao hospital de Recanales quinhentas libe-ras para enfermos... Item mando a Sanctas cruzes hú jaz meu padre quinhentas para a enfermaria...».

No segundo instrumento, feito no anno de 1327, depara-se com expressão identica das ultimas vontades: «Item mando ao mosteiro de odivellas para a enfirmaria mil libras pella alma del Rey, e pella minha... Item mando para captivos tirar, mil libras. Item mando pera pobres vestir, mil libras... Ite mando ao hospital dos meninos de Lisboa cem libras. Item ao Hospital dos meninos de Santarem mil libras. Item mando a todolos hospitaes, e Albergarias do Senhorio do Reino de Portugal quinhentas libras... Item mando ao hospital de Roças vales quinhentas libras para os enfermos...».

Vê-se por taes transcripções d'aquelles documentos, que nunca se varria da mente religiosa de Izabel a idea dos necessitados e enfermos.

Na lenda formosissima a que foi capitel o processo da sua canonização, debuxam-se maravilhas de bondade, ante as quaes vem sendo educada a alma popular na corrente dos seculos e no reverdecer das tradições oraes.

Deixando de parte o caso famoso de se lhe terem convertido em rosas as moedas que levava para distribuir pelos pobres; pondo ainda de lado o succedido á «moça» cega de Arrifana de Santa Maria, entre Coimbra e o Porto, na occasião em que caminhava para S. Thiago de Galiza, vindo ella a recuperar a vista alguns dias depois de Izabel tocar «levemente os olhos» da infeliz; prescindindo mesmo de attribuir importancia á cura d'um cancro no pé d'uma mulher, n'uma quinta-feira da Semana Santa, operada em seguida a ser beijada a ferida asquerosa e nauseabunda pelos labios da rainha; sem intentar fazer consideração de milagres, é impossivel impedir-mo-nos diante da Historia, de reconhecer e confessar com todo o enthusiasmo ardente da alma, a virtude preclara e a excellencia superior de caracter da viuva de D. Diniz. Urbano VIII declarou-a santa em Roma, aos 25 dias do mez de maio de 1625.

Foi esta a justiça da terra, que cabia na alçada do vigario de Jesus Christo prestar á inclita princeza.

A tal resolução do hierarcha suprêmo da Egreja Catholica, associou-se o voto de todo o povo peninsular, especialmente Portugal, a cujos habitantes poupou a intervenção de Izabel rios de sangue derramado em holocausto da guerra.

Izabel! aragoneza distinctissima, almo espirito de caridade, rainha singular nas terras da minha patria, gosa agora nos paramos do Infinito e nos seios da Gloria eterna a visão beatifica do teu Creador! não se oblitére jámais o teu nome da memoria de portuguezes, e busquem as nossas mulheres imitar-te na vida!

D. Francisco de Noronha.

MOFINA MENDES

Quem não conhece a Mofina Mendes, a pegureira tonta, a sonhadora de Gil Vicente?

Que lindo é esse episodio mettido n'uma das obras de *devação!* Que formosas figuras as d'esses pastores, que se juntaram para o tempo do nascimento! Foi em Bethlem ou perto de Trancoso, a cuja feira quer a Mofina ir vender o azeite, comprar uns ovos de pata? Nem Gil Vicente o sabia ao certo!

Que bello dialogo o de Paio Vaz com a pastora de seus peccados!

PAIO

Onde deixas a boiada
E as vacas, Mofina Mendes?

MOFINA

Mas que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada
Que ha tanto que me retendes!

PAIO

Mofina, dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.

MOFINA

A boiada não vi eu,
Anda lá não sei per hu
Nem sei que pascigo é o seu.
Nem as cabras não as vi,
Samicas co'os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavam ellas per hi,
Saltando pelos penedos.

PAIO

Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo o teu frete.

MOFINA

Das vacas morreram sete
E dos bois morreram trez.

PAIO

Que conta de negregura!
Que taes andam os meus porcos?

MOFINA

Dos porcos os mais são mortos
De magreira e má ventura.

PAIO

E as minhas trinta vitellas
Das vacas que te entregaram?

MOFINA

Creio que hi ficaram d'ellas,
Porque os lobos dizimaram,
E deu olho máo por ellas,
Que mui poucas escaparam.

PAIO

Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?

MOFINA

Eram tenros e gordinhos
E a zorra tinha filhinhos
E levou-os um e um.

PAIO

Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes que a raposa.

MOFINA

Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado,
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me a minha soldada,
Como temos concertado.

PAIO

Os carneiros que ficaram?
E as cabras que se fizeram?

MOFINA

As ovelhas reganharam,
As cabras engafeceram,
Os carneiros se afogaram
E os rafeiros morreram.

N'esta altura do dialogo interrompe-os Pessival, homem, pelo visto, de muito bom conselho.

PESSIVAL

Paio Vaz, se queres gado,
Dá ao demo essa pastora;
Paga-lhe o seu, vá-se embora
Ou má ora,
E põe o teu em recado.

E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a coisa mais barata
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão,
Cada ovo dará um pato
E cada pato um tostão,

Pobre Mofina Mendes! Tão enlevada no baile começou dançando, que o pote lhe cahiu da cabeça e o sonho se desfez em cacos!

PAIO

Agora posso eu dizer
E jurar e apostar
Que és Mofina Mendes toda!

MOFINA MENDES

PAIO

Pois Deus quer que pague e peite
Tão damninha pegureira,
Em paga d'esta canceira
Toma este pote d'azeite
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu
O que eu comtigo não posso.

MOFINA

Vou-me á feira de Trancoso,
Logo, nome de Jesu

Que passará de um milhão
E meio a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E o dia que fôr casada
Sahirei ataviada
Com um brial de escarlata,
E, deante o desposado,
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando,
Assi d'est'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

PESSIVAL

E, se ella baila na voda,
Que está ainda por sonhar
E os patos por nascer
E o azeite por vender
E o noivo por achar
E a Mofina a bailar,
Que menos podia ser?

Mas a sonhadora Mofina tinha o seu quê de philosopha, e por isso se foi embora cantando a famosa quintilha:

FRANCISCO BARBOSA DA CUNHA SOTTOMAYOR

Vid. artigo *Paços do Concelho de Estarreja*

Por mais que a dita me engeite,
Pastores, não me deis guerra,
Que todo o humano deleite,
Como o meu pote de azeite,
Ha de dar comsigo em terra.

De todos os typos criados pelo genial Gil Vicente é dos mais humanos, dos mais admiravelmente desenhados a Mofina Mendes. Quem não sonha na terra? Quem bailando, não partiu na vida alguns potes de azeite?

Uns choram; a Mofina cantava! Que interessante não era a Mofina!

AS NOSSAS GRAVURAS

PAÇOS DO CONCELHO DE ESTARREJA

O populoso e rico concelho de Estarreja faz parte do districto de Aveiro. A villa fica n'uma elevação sobranceira aos feracissimos campos do rio Vouga; e communica com a formosa ria de Aveiro por um canal de cerca de tres kilometros de extensão.

No dia 5 de janeiro de 1896 inaugurou-se o bello e magestoso edificio representado pela nossa gravura, destinado a servir de paços do concelho, abrangendo tambem todas as outras repartições publicas, com excepção apenas da estação telegrapho-postal.

Pode dizer-se que por sua vastidão, perfeito acabamento, disposição interior e architectura a um tempo simples e elegante, é um dos mais notaveis edificios publicos do paiz.

Mede em extensão 50 metros; em altura, da base á cornija 14 metros, e em largura 20 metros.

O pavimento inferior, do lado esquerdo frente, contém: a administração do concelho, com o gabinete do administrador e archivo, e a recebedoria; do lado direito frente: a repartição de fazenda em duas salas, o archivo, o gabinete do escrivão e o do contador da comarca. Do lado esquerdo fundo: a conservatoria e gabinete do conservador, a sala das audiencias do juizo de paz, a repartição do aferimento dos pesos e medidas. Do lado direito fundo: os quatro cartorios dos escrivães do juizo de direito.

O pavimento nobre, do lado direito frente contem: a sala do tribunal judicial e gabinetes do juiz e delegado. Do lado esquerdo frente: a sala das sessões da camara municipal com dois gabinetes. Do lado direito fundo: quatro salas para testemunhas e jurados. Do lado esquerdo fundo: a thesouraria do concelho, o archivo e secretaria da camara municipal.

As salas do tribunal e das sessões da camara tem cada uma 16,^{m}40 de comprimento por 9,^{m}20 de largura. Todas as outras salas e gabinetes são vastos, arejados, e de grande pé direito.

A entrada faz-se por um amplo atrio quadrado de 9,^{m}20 de largura por outros tantos de comprido; e a elle corresponde no pavimento superior um magnifico salão muito bem ornamentado. A escada é elegante e lançada com todas as condições da arte. No frontão veem-se em granito as armas reaes portuguezas.

*

A construcção d'este edificio, cuja planta foi elaborada pelo distincto professor do lyceu de Aveiro, João da Maia Romão, e começada em 1892, deve-se aos incansaveis esforços do sr. Francisco Barbosa da Cunha Sottomayor, illustre deputado pelo circulo de Estarreja e Ovar, um benemerito d'aquella localidade, que a tem dotado com muitos e importantes melhoramentos. Este cavalheiro, que a um sangue distincto allia as mais apreciaveis qualidades como homem publico e particular, conseguiu levar a cabo em menos de quatro annos, sem sollicitar auxilios do governo, e sómente com as forças do municipio de que era presidente, com o seu trabalho aturado e com uma vigilancia tão energica como intelligente, este soberbo edificio, que não envergonharia qualquer das nossas principaes cidades, e cujo custo foi relativamente economico, porque não excedeu a somma de 30.000$000 réis, incluindo expropriação do terreno e mobilia completa para todas as repartições.

UMA EVASÃO CÉLEBRE

POR P. DE S. VICTOR

Tem fama as prisões prussianas; conjunctamente com as casérnas, avultam entre os monumentos do paiz. A perspectiva de obter, nas primeiras, alojamento á custa do Estado, induziu Henri Heine, em 1830, a abandonar Berlim, e a vir estabelecer residencia em França. «Os ares patrios, diz o peregrino escriptor, cada dia se me iam tornando mais insalubres, e tive que pensar mui seriamente em mudar de clima. Assaltavam-me visões, sobresaltava-me ao contemplar certas nuvens, as quaes, em seu aereo percurso, me faziam esgáres de toda a especie.

O sol, por vezes, afigurava-se-me ser um cocár prussiano; sonhava de noite com um abutre negro, medonho, que me retalhava o peito no intuito de me devorar o figado; andava triste como a noite. Os colloquios que tive com um conhecido, que adquirira recentemente, concorrêram a aggravar-me a melancolia. Era um conselheiro, já edoso, de Berlim, que vivera por muitos annos, na qualidade de prisioneiro d'Estado, na fortaleza de Spandáu, e que me expunha o quanto era desagradavel andar carregado de ferros, no inverno. Que eu, aqui para nós, sempre achei que era falta de caridade o não aquecêrem os grilhões áquella pobre gente.

Os ferros, quando os aquentam, não causám a uma pessôa arrepios tão quezilentos. E vem a pêlo dizer que, em outros paizes, vi homens dos mais friorentos supportar rasoavelmente os grilhões, sempre que houvera previo cuidado em lh'os aquecer um tanto ou quanto.

Estou em dizer que não seria desacerto perfumal-os tambem com essencia de roza ou de louro.

Indaguei do meu amigo letrado se nas suas refeições, em Spandau, tinha abichádo ostras. Disse que não, pois que Spandau fica assaz distante do mar. O ex-pensionista de Spandau queixou-se-me, até, de que nem sempre apanhára carne. E d'ahi, acrescentou — de quando em quando, cahia-nos a

NOVO EDIFICIO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE ESTARREJA

(Copia de uma photographia)

sua moscasinha no prato da sôpa, e affirmavam-nos que era galinha...!! Como eu andasse necessitado de espairecer um tanto ou quanto, e attendendo a que Spandau fica muito longe do mar, para que lá se possam comer ostras, e as cadeias prussianas, de mais a mais, serem frigidissimas no inverno, e ainda por me não apetecer tomar o gosto á creação de S. M. El-rei da Prussia; — resolvi empreender uma jornada até Paris, á patria do vinho de Champagne e da *Marselheza*, no intento de beber do primeiro, e de ouvir cantar esta ultima »

Pensando nos carceres prussianos, accudiu-me tambem á memoria o mais illustre entre seus captivos, o barão de Trenck, que d'elles se escapuliu, por duas vezes, mediante verdadeiros milagres de denôdo e de vontade. Entre a sua historia e a minha existe uma tal ou qual relação; não deixará, pois, de ser interessante, o recordal-a hoje aqui.

A sua ligação com a princeza Amelia, irmã de Frederico II, veio a ser a causa da catastrophe. Amores lá nas alturas, desde éras remotas que attrahiram o raio. Frederico, por uns tempos, sopeou o resentimento, perseguindo, antes de o fulminar, áquelle que, até áquella data, fôra seu pagem predilecto.

Mettia-o no calaboiço, cinco e seis vezes por semana, apertava-lhe em volta, antes, até, de lhe lançar grilhões, os ferreos leames da sua disciplina, instigando-o á rebellião, á força de injustiça e de rigores. Até que uma carta imprudente, escripta por Trenck a um primo, coronel dos pandúrs de Maria Thereza, soberana com a qual a Prussia estava de guerra, veio ministrar-lhe ensejo de o fulminar. Trenck, accusado de traição, de conluio com os inimigos do reino, foi encerrado na fortaleza de Glatz. Contava apenas vinte annos, quando se viu despenhado n'esse tenebroso abysmo no qual estava condemnado a arrastar os verdes annos da mocidade.

Foi então que principiou essa lucta heroica travada por um homem, sosinho e destituido de tudo, contra portas, grades, ferrôlhos, lagêdos e precipicios, contra os mais inexoraveis carcereiros, mais vigilantes que os dragões da fabula; luta que vae muito alem dos trabalhos de Hercules; pois que Hercules, se quer ao menos, dispunha da sua cláva, andava á solta e no gozo das proprias forças, emtanto que o prisioneiro, encaixotado entre quatro paredes, tem de valer-se d'um prégo vélho ou da mola de um relojo, escondida na unha, afim de triturar o granito, ou de corroer o bronze.

Da primeira vez, Trenck, com o auxilio do canivete ao qual dentára a folha, sérra tres dos enormes varões de ferro do carcere; corta a mala de coiro em tiras, faz com estas uma corda, acrescenta-a com os lençoes da cama, e desce por uma janella, que ficava a quinze bráças do chão. Anda perdido nos paizes que avisinham a cidadella; o lodo atola-o, suffóca-o, quasi que lhe tapa a bócca, vê-se na necessidade de bradar por socôrro á sentinella. Lévam-no outra vez para o carcere, onde passa a ser mais aperreado, e guardado á vista.

Oito dias depois d'esta sarrafusca, arranca a espada ao major que o vinha inspeccionar, investe pela porta fóra, derruba a sentinella, abre passagem por entre os soldados do corpo de guarda, que accudiam em chusma a deitar-lhe a unha; fére quatro homens, trepa ao baluarte, despenha-se no fosso e ergue-se sem a minima contusão. — Existe um Deus para os foragidos. — Na fuga, porem, fica pendurado por um pé ás palissadas d'um caminho encuberto. É arrastado de nôvo para a prisão, crivado de baionetadas e quasi morto.

Mal sarádo ainda, Trenck medita nóva evasão. A' ideia fixa, que possue tanta virtude como a fé, pode apenas ser attribuida a explicação de taes prodigios de teimosia e de vontade. A fé acarréta montanhas, a ideia fixa derrue baluartes. D'esta vez tem companheiro; atiram-se ambos do alto d'um parapeito. Na queda, o amigo desmancha um pé. Trenck, cujo rosto de pagem namorado encubria a força de um athleta, carrega com elle ás costas, córre d'este módo durante um quarto de hora, atravessa o Mêna com agua pela cintura, por entre nevoeiro cerrádo, deita outra vez a correr assim que arriba á outra margem, anda a pairar, enterrádo em néve, em redor d'uma montanha, e ao amanhecer, quando suppunha já achar-se longe, ouve dar quatro horas no relogio de Glatz. Não perde o animo; furta a um camponez dois cavállos, fóge a galópe, e alcança, a final, as fronteiras da Bohemia. Eil-o livre e a salvo.

D'ali a oito annos, Trenck comméttte a imprudencia d'ir a Dantzick, tomar conta da herança da mãe. Era tentar a fatalidade.

Não o perdera de vista Frederico, durante esta assaz longa trégua. A victoria contra elle alcançada pelo prisioneiro, redobrára n'elle o odio. Empenháva agora o amor-proprio em lhe dar caça até o agarrar. Os seus lebréus da policia andavam em correrias ao longo da fronteira, farejando a prêsa, seguindo-lhe o rasto, á espéra, para se atirarem a ella, que désse, tão sómente, um passo em falso. A vinda de Trenck a Dantzick equivalia a cahir nas mãos do rei. A cidade-franca estava vendida á Prussia. Entregam os magistrados seu hospede; tomam conta d'este uns trinta hussares e escoltam-no até Berlim. É transferido d'alli para Magdeburgo, onde o aguarda a masmorra com o seu conjuncto de horrôres.

Era esta um nicho aberto em uma casamata, que era fechada por tres portas, em correnteza, e em que unicamente penetrava a luz. filtrada atravez d'uma fresta, aberta na abobada de tres pés de espessura, e guarnecida com tres ordens de grades de ferro. Carcere tão atroz passa a ser para Trenck a Torre da Fome; sujeitam-no a um regimen que lhe tortura perpetuamente as entranhas. Arratel e meio de pão de munição meio avariado, e uma bilha de agua, eis a ração do prêso.

Até áquelle momento, tivéra unicamente a audacia, em meio, porem, dos horrores da solidão e da fóme, desenvolve-se-lhe agóra o genio da evasão: genio, em que entram, a paciencia da formiga, a força solapáda da toupeira, o trabalho silencioso da minhóca, e que, á concentração das potencias todas do humano espirito, reúne, ao que parece, o instincto da alimaria e o brocar impercteptivel do insécto.

Trenck dissólda as ferragens da porta, e com ellas faz instrumentos com que abre um buraco na parêde; realisando prodigios de astucia empalmou nas barbas dos proprios carcereiros, os escombros de suas clandestinas demolições. Redúl-os, primeiramente, a pó, pisando-os a pés, arremeça-os, em seguida, pela fresta, atomo por aotmo, por assim dizer, ou feitos em bolinhas, soprando-os por um canudo de papel, do qual se serve, á laia de sarbatana. Depois de seis mezes de trabalho, eis que se acha furada a muralha, e aberta a veréda... vem cerral a uma traição.

O rei, avisado, vem em pessoa a Magdeburgo encommendar para o seu captivo não já uma prisão, mas sim um sepulchro. Tal qual um tyranête italiano da Edade-Media, dedicou-se o auctor do *Anti*-Machiavel, a requintar-lhe o supplicio.

Traçou com o proprio punho a planta da masmorra e delineou a forma dos grilhões. N'essa mesma noite em que Trenck contava evadir-se, é transportado a novo calaboiço.

Esta régia masmorra é monstruosa amalgama de ferro e de pedra. Quatro portas mais pesadas que as lageas dos carneiros mortuarios, parêdes com que não entraria a artilheria, uma setteira eriçada de grades, que roe, por assim dizer, a luz, deixando chegar ao prisioneiro um pallido refléxo, apenas! É para alli jáz Trenck, nas trévas, emparedado, enterrádo, encovádo, prêsos ambos os pés a uma argóla soldada á parede, as mãos apertadas nos anginhos, cingindo-lhe o corpo um áro de ferro assaz largo, ao qual vem prender uma cadeia fixada n'uma barra do mesmo metal. Não mais vem ferir-lhe o ouvido um rumôr humano só que seja, seus olhos não divisam o minimo raio de luz. Afim de lhe demonstrar que fôra irremediavelmente cerceado ao mundo dos viventes, o monarcha mandára cavar lhe aos pés a campa em que viria a ser enterrado.

Tem n ella inscripto o nome em grandes letras, encimado por uma caveira, e dois ossos, atravessados.

Ezzelino teria invejado ao rei philosopho tão funebre decoração.

D'esta vez, a propria ideia da evasão chega a parecer demencia. Fôra mais facil a um homem enterrádo vivo rebentar o caixão e cavár com as unhas a terra da cova.

E sem embargo, Trenck, mal se vê enterrádo, entra logo a pensar na ressureição. Sobreexcitada até um certo grau, poderósamente virada para um fim constante, a vontade centuplica ao homem as forças. Põe lhe nas mãos os finissimos dedos da fada, o pulso vigorôso do gigante; dá-lhe ólhos de nyctalope, o ouvido subtil do selvagem. Principia Trenck por desembaraçar-se dos grilhões que o aperream; o ferro, torcido por aquelle pulso de athléta, estála, como pálha sêcca. Armado de uma fáca que conseguiu furtar á inspecção dos carcereiros, despréga as fechaduras das tres primeiras portas. Quando investe com a qûarta, parte-se-lhe a faca. O animo d'esta vez falléce-lhe de todo. Quem haverá ahi que por duas vezes arrombe as portas do inferno. Com o trôço que lhe fica da lamina. abre, qual proscripto romano, as veias dos braços e dos pés e para ali se deita, decidido a morrer n'um lago de sangue. O instincto da conservação tira-o do lethargo; reanima-o subita raiva, resolve tornar o proprio carcere em bastião e morrer como soldado, se acaso os carcereiros não quizerem parlamentar. Desmancha, com os grilhões, o banco de ladrilhos que lhe mobila a masmórra e constróe uma barricada, atraz da qual se intrincheira, com uma pedra em uma das mãos, e brandindo com a outra a faca partida. Ao amanhecer, os guardas recuam em presença do espectro sangrento e bravio que ameaça apedrejal-os. Tenta o assalto um granadeiro; derruba-o uma pedrada na testa. Accóde o commandante e consente em capitular; promette ao prisioneiro amnistia pela sua tentativa, e Trenck entrega lhe o proprio carcere, tal qual entregaria uma cidadella.

Repellido do lado das portas, Trenck busca uma sahida por baixo do chão. Em poucos dias, arranca o empedrádo ao carcere e cáva um caminho no saibro sobre que está edificado o forte. Outra vez surprehendido, é castigado com rigor atroz. Governava a praça novo commandante, a encarnação da *chibatada*, o *carcere duro* arvorádo em homem, uma d'estas personagens sinistras, de ar impertigado, olhos esbogalhados, que se encontram nas fortalezas allemãs, e que parecem feitas de proposito para ler a sentença de morte ao miserando que vae ser fuzilado, á meia noite, no fôsso da esplanada, com uma lanterna pendurada no peito.

Esgótos, cryptas, claustros, os lugares humidos e lôbregos tem cada um a sua especialidade, emquanto a bichos e vegetações damninhas: ratos ferozes, sápos hediondos, viboras peçonhentas, cicúta e cogumelos inchados pela peçonha. A sombra das prisões produz do mesmo modo sêres cuja maldade é absolutamente local: tyrannos brutaes ou vexadôres atrabiliarios e acintosos que fazem gosto em ver chorar e soffrer. O novo commandante pertencia a essa raça de cães de guarda, atravessados de tigre.

Mandou lançar ao pescôço de Trenck uma gargalheira guarnecida de grossa cadeia, que com o pêso lhe esmagava a núca. Era a forca, ou o garróte, suspensos ingenhosamente no ultimo estorcegão de que deve resultar a morte. Não se ficaram por aqui: ensaiaram n'elle o supplicio inventado pelos algozes chinezes, a privação de somno. Com a differença que, em vez de tambór, era um carcereiro, que, de quarto em quarto de hora, vinha accordal-o de chofre. Semelhante, porem, aos esculptores, que talham os membros das suas cariatides em proporção com o entablamento a que tem de servir de sustentaculo, o Destino que votára Trenck aos tormentos, forjara-lhe um corpo capaz de os aguentar.

A fome, a nudez, o frio, a dôr acabrunham-n'o sem que consigam leval-o de vencida; a agua, filtrada pela abobada do carcere, deslisava-lhe sobre as carnes como sobre o bronze d'uma estátua. O advento de um commandante menos cruel livra-o da gargalheira. Volta desde logo á faina, e fura nos alicerces uma galeria com trinta e sete pés que communica com os subterraneos da praça. Concluida a obra, surge-lhe a ideia de submetter a provas a generosidade de Frederico. Propõe ao governador que lhe mande dar busca ao carcere, dobrar o numero de sentinellas, e que lhe apraze um dia e uma hora; e, n'esse dia e á hora aprazada, compromette-se a apparecer em plena liberdade, fóra das obras da fortaleza, sobre as terraplenos exteriores. Riem-se-lhe da loucura e não lhe dão credito: então, na presença dos carcereiros reunidos, Trenck despoja se das cadeias tal qual despiria um fato, entrega as armas e os instrumentos, alevanta o lagêdo arrancádo, e descóbre-lhes a galeria que cavára, profunda como trincheira aberta por mão de engenheiro.

Conseguiu d'esta vez a admiração o que jamais obtivéra a piedade. O mythologico Sysipho fôra supplantado por este homem que, á força de estrebuchar n'elles, ia gastando os carceres, e Frederico concedeu-lhe o perdão; — Trenck sahiu do carcere, passados dez annos de captiveiro.

Pin-Sel.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

E depois de um silencio:

— Quando foi a França, uma só reflexão lhe susteve a mão e o punhal vingador: — «Nunca

mais ella voltaria ao Monte Herma!» — Quem lhe deu aquella fé profunda, cega, fatal? — «Não gostará talvez de mim, dizia, mas estará para ahi e eu hei de gostar d'ella.» — Pois elle tinha razão, Paulo, que eu nunca pude gostar d'elle, e elle, coitado, bem o sabe agora!

Violante ergueu-se um pouco, olhando para mim com ternura.

— Já me não amavas, Paulo, ou, pelo menos, eu assim o julgava, e, levada pelo terror de uma queda ainda mais profunda, atrahida pelos purissimos perfumes da montanha, para aqui voltei. Aqui, achei Antonio fiel ás minhas lembranças, Antonio que me amava ainda, que me esperava, que me falava do tempo feliz em que eu só pensava n'elle e na casa do Monte Herma. Antonio que tudo aqui transformára por mim e que me supplicava que o soffresse a meus pés, como uma saudade do passado. Que devia eu de fazer? Onde a estabilidade da ventura? Não a perdera já uma primeira vez por andar correndo atraz de fugitivas vaidades? Não era aqui que ella estava, em meio da immutavel natureza e sob o olhar do proprio Deus? E depois, olha, Paulo, uma esperança secreta obrigou-me a pôr nos braços de Antonio todo o meu futuro: a esperança de ser mãe.

Violante juntou as mãos desbotadas.

— Ser mãe seria para mim um goso celeste! A maternidade é a transfiguração da mulher. Se houvera tido essa ventura tão desejada, considerar-me-hia sanctificada de todo o passado, como perdoada até por Deus! Então o amor que já não podia dar ao marido, nem a mais ninguem, pôl-o-hia todo sobre essa cabecinha loira a sorrir sob os meus beijos.

XI

O MAL DO AMOR, O MAL DA VIDA

Os soluços cortavam as phrases de Violante — a morte recuára perante a vontade d'aquella alma, que assim, antes que me deixasse, se desnudava — mas a voz tornava-se por vezes imperceptivel.

Puxou-me a cabeça para junto de seus labios e continuou:

— Paulo, morro, porque uma noite me encontraste na *Riva degli Schiavoni*; mas perdôo-te. Se soubesses o que hei soffrido! — Que doida, que doida eu fui! — Em Paris, chorei pela minha terra, quando vi perdido o paraizo do teu amor. Aqui chorei as dissipações mundanas, as alegrias doidas, os prazeres delicados, de que tanto desdenhava em Paris, quando aos mil se me vinham offerecer — O pobre Antonio é que não entendia nada d'isto. — Logo no dia seguinte ao do nosso casamento, já eu me sentia afogada, mirrando, a morrer. Por mais que elle multiplicasse suas rusticas attenções, nas acções mais delicadas eu surprehendia o «contra-senso» brusco do gondoleiro. — Ai de mim! que me tornára em flor de estufa! — A poeira, o sol da estrada mortificavam-me mortalmente. Tinha exigencias de duqueza e para realisal-as só a vontade e o amor d'um operario. Queria em torno a mim bulha, flores, cavallos, theatros, concertos, pintores falando dos livros novos, poetas criticando os pintores, jornalistas que de tudo riem e nada sabem; queria em torno a mim mulheres bonitas, doidas, risonhas, graciosas, vestidas pelo Worth, e via-me reduzida para sempre á só companhia d'um homem ignorante, passando largas horas a olhar para mim, de longe, como para uma madona, suspirando, mas não podendo, quando me falava, dar á voz, italiana muito embora, doces e tão sabias inflexões que eu não reconhecesse logo o modo de falar grosseiro d'um homem do povo. — Oh! cobardia d'um coração pervertido, que já não tem forças para o bem!

Violante calou-se por momentos.

— Mais doida do que nunca agora sou. Nada deveria sobre isto dizer-te; mas era lá possivel morrer sem me ter confessado a ti!

A cabeça recahiu-lhe sobre a almofada; um profundo suspiro escapou-se-lhe dos labios e ouvi-a murmurar, como n'uma oração:

— Meus Deus! Morrer assim tão cedo, quando para ser tão feliz me havieis criado!

....

«Ah! meus amigos, esse grito d'uma alma que partia ainda o sinto ecoar dentro em mim; era a justificação suprema d'essa alminha duas vezes perdida para a felicidade, porque duas vezes quiz com mais força segural-a. Mas esse grito era sobretudo a suprema, involuntaria accusação de Violante, que eu arrastára para a cilada das fascinações da vaidade.

Eu quizera representar, tinha representado o papel de tentador; mas, miseravel Satanaz que eu fui, não soube conservar á minha victoria o reino d'este mundo, nem sequer conserval-a no circulo do meu dominio.

Quanta razão não tinha Violante! Por mim morria e eu não tinha siquer a desculpa da paixão. Quando a raptei de Veneza, cumpri o capricho de um D. João idiota e vadio, e agora, o diabo, o D. João, o parisiense, o conquistador das raparigas que só teem para defeza do coração ignorancia, prejuizos, mesquinhas vaidades, agora, eu gemia, chorava, maldizia-me aos pés d'aquelle leito, onde expirava a minha victima, que eu amava como nunca a havia adorado!

Todos estes pensamentos me atravessaram a cabeça delirante, emquanto meus beijos e lagrimas cobriam as mãos e os braços d'ella.

— Acabou-se! acabou-se! disse.

Cahi de joelhos aos pés do leito.

XII

A ULTIMA PALAVRA

Que mais me disse ella? «— Adeus, meu amigo, a ventura é um dia só, porque o céu não é na terra, adeus, adeus, ver-nos-hemos ainda! Até lá, quero deixar-te uma lembrança...»

Tinha sobre o leito um cestinho de costura. Pegou n'uma tesoira e com a mão tremula cortou um dos adoraveis aneis de cabello que lhe afagavam o marmore da testa.

Peguei n'elle, beijei o, pul-o sobre o coração.

— Aqui tens, disse tentando sorrir, o testamento dos que não teem nada Conquistaste o Tosão d'Oiro, dizias-me tu muita vez. O pobre tosão d'oiro tão luminoso vai apagar-se n'um tumulo.

Eu tornára a cahir de joelhos; dobrei-me sobre a cabeça d'ella e encostei meus labios á sua testa.

De repente Violante estremeceu violentamente.

— Chama o Antonio, disse-me n'um sopro quasi insensivel.

A porta abriu-se; Antonio correu para o leito, dizendo a meia voz:

— Aqui me tens, Violante, aqui me tens, alma querida. Não te vás sem mim!

Levantei-me, com a morte e a raiva no coração, quando Violante me pegou na mão e a poz n'uma das mãos do marido.

— Perdoai-vos o mal que me fizestes como eu vos perdôo, disse suavemente. Assim o quero.

Involuntariamente, ambos arrastados pela vontade da querida mulher, apertámos as nossas mãos n'aquella mão da moribunda.

— Deus nos vê e nos julga, disse ella ainda. Elle perdôa a quem ama. Adeus Paulo! Vai-te. O ultimo minuto da minha vida pertence a Antonio, que me rasgatou a alma.

Antonio teve um surdo rugido de alegria e de desespero.

Tomou Violante nos braços, collocou-lhe a cabeça sobre o peito largo e assim ficou immovel, fitos os olhos na testa já fria da moribunda, qual uma mãe que visse morrer encostado ao seio o filho bem-amado.

....

Fugi perturbado, perdido, doido. Entrei soluçando no bosquesinho que dava sombra á casa. Ali fiquei horas e horas, aniquilado, entregue todo a uma prostração terrivel. Imagens vagas passavam ante meus olhos, sons que me aterravam zuniam aos meus ouvidos. Queria falar, gritar, levantar-me, caminhar, tornar a ver Violantê. Quedei-me mudo, immovel, paralysado.

Como a um lethargico, os objectos exteriores actuavam em mim fantasmagoricamente, mas eu sobre mim mesmo não tinha acção.

Vi passar uma mulher nova ainda com uns frascos. Comprehendi vagamente que devia de ser a enfermeira de Violante. Era uma das irmãs de Antonio, que os não deixára desde o casamento.

Mais tarde, quando a noite de todo cahiu, vi accender se uma luz no quarto onde jazia a minha ultima esperança; sombras mecheram-se; umas mulheres e umas crianças passaram a poucos passos de onde eu estava, sem me verem.

Andei pela montanha, devorando as lagrimas.

Mais tarde ainda, um sopro, como um sopro aereo, passou por sobre a minha cabeça; um passaro remexeu as folhas sobre mim e voou com a rapidez d'uma setta; um ninho acordou n'uma das figueiras e os passarinhos puzeram-se a pipilar. Ao mesmo tempo ergueu-se na casa uma lamentação surda.

Percebi que tudo estava para acabar.

Até ao profundo de todo o meu ser estremeci.

Tornei a entrar. Violante sorria a Deus.

Não me viu. Abismado em sua dôr, Antonio estava debruçado sobre ella com o olhar das mães e das bestas feras. Não queria que a morte lhe roubasse o coração, alma e vida.

Violante expirava sem dizer uma palavra.

Entrou um padre de sobrepeliz. Improvisaram um altar com um crucifixo, dois castiçaes accesos, um vaso cheio d'agua em que mergulhava um ramo.

No leito, ondas de rendas e sob aquellas ondas uma mulher que já não era d'este mundo, mas que ainda respirava.

Soltei um grito e cahi aos pés do padre, mordendo com os labios a orla do lençol funebre.

Paulo de Hauteroche calou-se.

Todos percebemos que qualquer palavra seria uma nota desafinada n'aquellas lembranças evocadas tão visivelmente.

Mas, ao cabo d'um instante, voltou-se para Mario e disse-lhe esboçando no rosto devastado um pallido sorriso.

— Nada queria ver mais que o céu, mas estendeu-me a sua mão de marmore.

— Adeus! disse-me ella ainda. Adeus! Resarei por vós. Resae por mim!

Foi com triste e doce voluptuosidade que Paulo de Hauteroche nos desvendou a sua amargura.

Continuou depois:

Era um quadro admiravel!

Violante nunca fôra tão formosa em vida como o estava n'aquella hora suprema e da morte.

Tinha a marca do grande mestre. Ja não era uma mulher, transfigurava-se em estatua, tanto tomára os bellos traços e formosos tons do marmore.

Eu nunca vira a morte de tão perto e senti que a morte deve ter doçuras sem par, revelações attractivas do mundo desconhecido, chamadas para o accordar sem nome.

Que eu bem via que não era possivel que a mulher, que fôra a minha vida toda, não fosse mais que um mentiroso despojo.

Menos vivia no corpo, mais aquella alma formosissima desdobrava as azas victoriosas.

Mais a via a morrer, mais a viver a sentia.

Máu grado meu, ergui os meus braços como que para partir com ella.

Ella, porém, não falava.

Mas que me pudéra ella dizer com mais eloquencia que o seu olhar?

Ainda não penetrára no abysmo do meu desespero.

Estava como n'um sonho de que não queria acordar.

Sentia o meu supplicio, mas havia para além um não sei que, que me falava no céo.

De repente Violante mexeu uma das mãos.

Collei n'ella os meus labios. Ella olhou fita para mim, deu um suspiro, ergueu um pouco a cabeça e murmurou:

— E' elle!

....

— Vai morrer, disse a irmã de Antonio.

Tudo effectivamente acabára.

A linda cabeça recahira sobre a almofada. Os olhos quedavam-se abertos, mas nada viam.

Nem a elle, nem a mim.

Que quizera ella dizer com estas palavras: «E' elle!»

Elle, era Antonio?

Era eu?

Quizera esmigalhar-me junto do leito mortuario; o padre levou-me.

Antes de sahir do quarto, como voltasse o rosto, aquelle homem disse-me:

— Não a chore, que está com Deus.

(Continúa).

NECROLOGIA

GASPAR FERREIRA BALTAR

Com quasi setenta e oito annos de edade, depois de uma lucta laboriosa, durante a mocidade no Brazil negociando, depois, no Porto, durante mais de trinta annos, dirigindo *O Primeiro de Janeiro*, diario que fundou em 1868, finou se no seu palacete da rua de Santa Catharina, na madrugada do dia de S. Pedro, o honradissimo jornalista, Gaspar Ferreira Baltar, a quem não faltaram, durante a vida a consideração de todos quantos o conheceram, depois da morte manifestações excepcionaes de eloquente saudade.

No mundo do jornalismo era conhecido pelo nome modestissimo de *Baltar do Janeiro*; mas era esse um titulo glorioso.

Não era um homem de letras, mas sim um espirito lucidissimo, um caracter integerrimo, uma vontade pertinaz. E com esses extraordinarios dotes, o homem, que pudera ter morrido cheio de honrarias e occupando uma altissima posição na

politica portugueza, contentou-se com essa gloria de ter fundado e dirigido um dos mais lidos jornaes de Portugal, o mais importante do norte do paiz.

Tendo mantido relações com os vultos eminentes da nossa politica, nada quiz aceitar, nem sequer um logar de deputado, contentando-se com o exito sempre crescente da obra a que dedicára todas as altissimas faculdades de um espirito excepcional.

Collaboraram no *Primeiro de Janeiro* muitos escriptores illustres taes como Germano Meirelles, Thomaz Bastos, Latino Coelho, Emigdio Navarro, Alpoim, cujas correspondencias de Lisboa foram por vezes notabilissimas, etc.

Da redacção do jornal faziam actualmente parte: Oliveira Ramos, pae e filho, Luiz Botelho, Lopes Teixeira, Oliveira Alvarenga, Gualdino de Campos, Marcos Guedes e Guedes de Oliveira.

A todos elles, de muitos dos quaes nos honramos com a amizade, mandamos a sincera expressão do nosso pezame.

Todo o jornalismo de Portugal foi unanime na demonstração de sentimento que lhe inspirou a morte do notavel jornalista do norte.

Muitos telegrammas foram enviados á familia e para a redacção do jornal, assignados por todos os homens eminentes da politica portugueza, sem distincção de partidos, homens de letras, jornalistas, e muitos amigos a quem Gaspar Ferreira Baltar soubera facilmente conquistar a gratidão.

O corpo foi transportado para o jazigo de familia no cemiterio de Penafiel, depois das exequias que se realisaram na egreja da Trindade, com o templo absolutamente a transbordar.

O funeral do honradissimo velho foi ainda uma manifestação da muita saudade que a todos deixou e do respeito que a todos merecia.

GASPAR FERREIRA BALTAR — FALLECIDO NO DIA 29 DE JUNHO DE 1899

Recebemos e agradecemos:

O Diccionario das Seis Linguas — *Lisboa — Empresa do Occidente.*

Esta obra cuja utilidade é realçada pela barateza da sua publicação, que ao preço de 30 réis cada caderneta de 16 paginas se torna accessivel a todas as bolsas, tem merecido de toda a imprensa nacional e extrangeira as mais lisongeiras referencias. De entre ellas destacaremos as seguintes, que muito nos penhoram e que cordealmente agradecemos:

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, no seu n.º 275 escreveu:

«*Diccionario das seis linguas.* — Estão publicadas as duas primeiras séries d'esta obra de que é editor o nosso velho collega a empresa do OCCIDENTE.

Por um methodo extremamente engenhoso o auctor dá os significados de qualquer palavra cumulativamente nas seis linguas, tomando como principio a franceza. Assim consegue reunir como que seis diccionarios n'um só volume perfeitamente portatil e que, para mais, sahirá por um preço baratissimo, sendo distribuido em folhas de 16 paginas a 30 réis, o que é modicidade de preço extraordinario em publicações d'este genero.

Enriquecido com todos os modernos vocabulos das seis linguas, constitue um livro de indispensavel consulta, com a publicação do qual a empreza do OCCIDENTE presta um bom serviço ao publico.»

A elegante revista italiana *Iride*, de Spezia, tambem se referiu ha pouco ao *Dizionario delle sei lingue* escrevendo: «È cominciata la distribuzione di questa importante opera edita a cura della casa editrice dell'OCCIDENTE di Lisbona. — Leggendo i primi fascicoli ci siamo persuasi della pratica utilità questa pubblicazione per la conoscenza delle lingue francese, portoghese, inglese, tedesca, italiana e spagnola. I primi fascicoli trattano d'elle diverse pronuncie con chiarezza e con metodo facile e pronto.»

A *Educação Nacional*, do Porto no seu n.º 143:

«*Diccionario das seis linguas.* — Está publicada a terceira série, que alcança até o fasciculo 15 do *Diccionario das seis linguas*, cuja publicação segue com toda a regularidade como todas as publicações editadas pela empreza do OCCIDENTE, de Lisboa.

A utilidade do *Diccionario das seis linguas* é incontestavel e bem se póde considerar um livro universal.

Sendo a lingua franceza a base d'este diccionario elle póde ser consultado por portuguezes, inglezes, allemães, hespanhoes e italianos, pois no fim do diccionario ha um indice ou vocabulario geral das seis linguas, onde se encontram todas as palavras com a sua correspondente em francez o que permitte facilmente saber qualquer palavra nas seis ditas linguas.»

Aguia — *revista mensal de artes e lettras — Directores proprietarios Walbeehm E. L. Silva — Lisboa — Junho de 1899.*

No seu primeiro numero estampou esta nova revista o retrato de Anthero do Quental, com motivo da commemoração coimbrã. Insere collaboração de Carlos Simões, Eugenio Vieira, Manoel Ribeiro, Nunes Claro, etc. o que torna variada e selecta.

Longa vida á nova publicação.

A Aurora do Cavado — *Director Rodrigo Velloso — Lisboa — 1899.*

Continua publicando-se regularmente esta nova serie do conceituado periodico de Barcellos, que por tão longos annos alli viu a luz do dia, e cuja leitura os que se interessam pelo movimento litterario e artistico nacional nunca deixavam de fazer, antes procuravam com empenho.

Agora, que em melhor papel, formato mais manuseavel, e proximidade de redacção, ella se nos apresenta, eguaes attenções tem merecido, porque, na verdade, entre nós não conhecemos revista bibliographica mais interessante e noticiosa. O seu illustre director não se detem e refere ou descreve sempre com bom criterio e minuciosidade os livros e impressos que lhe são enviados.

Mais tarde, quem consultar *A Aurora do Cavado* terá ensejo de ler o inventario mais completo do nosso movimento de livraria e intellectual.

Educação Nacional — *Director: Antonio Figueirinhas — Porto 3.º anno — 1899.*

Nenhuma publicação d'este genero em Portugal tem advogado mais nobremente a causa da instrucção. A incrivel reforma secundaria, que tanto se tem querido conservar, tem n'esta revista merecido o mais aturado estudo e imparcial apreciação.

Os seus juizos desassombrados, vehementemente expressos, estão por infelicidade de muitos paes de familia bem confirmados. Quando se trate de se fazer a historia d'esta reforma do ensino dos lyceus o protesto da *Educação Nacional* ha de ser documento muito ponderado. Isto basta para sua honra.

O ultimo numero a que nos referimos inseria o seguinte e variado summario, por onde se avalia a importancia d'esta revista portuense:

A instrucção primaria no Porto. — Conferencia do dr. Agostinho de Sousa. — Confrontos. — «O Commercio do Porto». — *Secção litteraria:* Camões, por Almeida Garrett. — *Notas e informações:* A Associação. — Phantastico. — Exames de instrucção primaria elementar, 2.º grau. — Livros. Perseguições. — Latim. — Exames no Seminario. — Reforma de ensino — Luctuosa. — Calotes. — Inspecção. — Theatro Principe Real. — Notas fugitivas. — Maximas, por Bernardino Machado. — Publicações recebidas — *Secção official:* Licenças, promoção, nomeações e transferencias — Expediente.

Zoologia Elementar Agricola — *por Paulo de Moraes — Empresa Editora F. Pastor — Lisboa.*

Acha-se terminada esta excellente obra, que pela empresa editora Francisco Pastor, de Lisboa, nos acaba de ser offertada completa. Esplendida edição de 821 paginas in-4.º incluindo 862 magnificas gravuras, sobre uma materia nova, e por todos os conceitos de grande importancia para nós, quer estudiosos, quer agricultores.

É seu auctor, o illustre director do museu florestal de Lisboa, sr. Paulo de Novaes, a quem felicitamos por ser o primeiro a despertar entre nós o desejo de estudar o que na natureza mais nos pode interessar: o conhecimento dos sêres organisados que devemos propagar, e aquelles que nos convem destruir.

Acha-se encadernada em magnifica capa a tres cores, esta importante obra, custando apenas 3$200 réis.

Lembramos aos leitores que continua aberta a assignatura por cadernetas de 16 paginas ao preço de 50 réis, o que torna accessivel aos mais modestos bolsos tão utilissima obra.